

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano LI, número 20 (2.647)

Cidade do Vaticano

terça-feira 19 de maio de 2020

Francisco celebrou a missa junto do túmulo do Pontífice polaco no centenário do nascimento

## Com João Paulo II Deus visitou o seu povo



«Hoje recordamos a grande fé e o exemplo de #SanGiovanniPaoloII; ouçamos o seu apelo a abrir as portas a Cristo, a não termos medo». Com um tweet na conta @Pontifex, o Papa Francisco recordou também nas redes sociais o testemunho luminoso do seu predecessor polaco no centenário do seu nascimento. Era o dia 18 de maio de 1920 quando o segundo filho do casal Wojtyła veio à luz em Wadowice: 58 anos depois, a 16 de outubro, como cardeal arcebispo de Cracóvia, Karol foi eleito à Sé de Pedro e guiou a Igreja para o novo milénio. Por isso, na segunda-feira de manhã, o seu sucessor argentino quis reavivar a relevância da sua mensagem: «Caminhemos felizes», exortou, «pelas sendas do mundo, seguindo os passos dos gigantes que nos precederam: nunca estamos sós», garantiu.

Mas foi sobretudo na missa comemorativa, celebrada de manhã na Basílica do Vaticano, junto do túmulo do Santo Pontífice e transmitida ao vivo nos cinco continentes, que Francisco desenhou um retrato extraordinário dele como pastor, através do qual – disse – Deus «visitou o seu povo». Os convidados de honra eram algumas pessoas pobres que recebem assistência nas estruturas caritativas nas proximidades de São Pedro.

Na homília o Papa evocou os «traços» de bom pastor deixado pelo Papa Wojtyła no seu ministério. Francisco aprofundou em particular três: a oração, a proximidade ao povo e o amor à justiça. Em relação ao primeiro, explicou que ele rezava muito, pois «sabia que a primeira tarefa de um bispo é rezar». Quanto

ao segundo, o Pontífice salientou que João Paulo II «foi visitar o povo; e percorreu o mundo inteiro, para se fazer próximo». Por fim, o traço da «justiça plena»: ele «queria justiça social, a justiça do povo, a justiça que afasta as guerras» e por isso «era homem de misericórdia», pois «justiça e misericórdia caminham juntas».

Publicamos nas páginas 4 e 5 a carta do Santo Padre ao reitor da Pontificia universidade São Tomás de Aquino para a inauguração do Instituto de cultura São João Paulo II, a mensagem em vídeo aos jovens de Cracóvia e a homília de Francisco na missa celebrada junto do túmulo do Pontífice polaco no centenário do nascimento.

Mensagem para o Dia mundial do migrante e do refugiado

### O drama invisível dos deslocados internos exacerbado pela pandemia

«Quando se fala de migrantes e deslocados com muita frequência, ficamos pelos números. Mas... trata-se de pessoas! ... e conhecendo as suas histórias... podemos compreender, por exemplo, que a precariedade que vivemos com o sofrimento devido à pandemia é um elemento constante na vida das pessoas deslocadas». Esta é uma das passagens mais significativas e atuais – porque está ligada à situação da crise provocada pelo coronavírus – da mensagem do Papa Francisco para o próximo Dia mundial do migrante e do refugiado, que será celebrado no dia 27 de setembro, 26º domingo do tempo comum.



Uma mulher síria com o filho ao colo num campo de deslocados no nordeste do país (Afp)

## Atualidade de um testemunho

ANDREA TORNIELLI

A 27 de outubro de 1986, num momento dramático da nossa história recente, em que a perspectiva de uma guerra nuclear era concreta, São João Paulo II convocou corajosamente representantes das religiões do mundo a Assis, vencendo muitas resistências internas. «O encontro de tantos líderes religiosos para rezar – afirmou, – é em si um convite ao mundo de hoje para tomar consciência de que existe outra dimensão da paz e outra forma de a promover, que não é o resultado de negociações, compromissos políticos ou acordos económicos. Mas o resultado da oração, que, apesar da diversidade das religiões, exprime uma relação com um poder supremo que ultrapassa as nossas simples capacidades humanas».

«Estamos aqui – acrescentou o Papa Wojtyła – porque temos a certeza de que existe uma necessidade de oração intensa e humilde, de oração confiante, para que o mundo se torne finalmente um lugar de paz verdadeira e permanente».

Neste 18 de maio celebrámos o centenário do nascimento do grande Pontífice que veio do além cortina de ferro, que no seu longo serviço petrino guiou a Igreja para o novo milénio, assistiu à queda do Muro que dividia a Europa em duas, esperava ver nascer uma nova era de paz mas, em vez disso, teve de enfrentar – já idoso e doente – novas guerras e um terrorismo desestabilizador e implacável, que abusa do nome de Deus para semear morte e destruição. E para combater isto, em janeiro de 2002, voltou a convocar as religiões em Assis sem nunca ceder à ideologia do choque de civilizações, centrando sempre tudo, até ao fim, no encontro entre povos, culturas, religiões. Ele testemunhou uma fé rochosa, uma ascese de grande místico, uma humanidade transbordante. Falou a todos e nunca deixou de procurar evitar de todas as maneiras a eclosão de conflitos, para promover transições pacíficas, paz e justiça. Viajou por todo o globo, para abraçar os povos do mundo, anunciando o Evangelho. Lutou para defender a dignidade de toda a vida humana. Fez uma visita histórica à Sinagoga de Roma. Foi o primeiro Papa da história que atravessou o limiar de uma mesquita. Navegou na rota traçada pelo Concílio Vaticano II. Soube percorrer caminhos novos e inexplorados, declarando-se também disposto a discutir sobre a maneira de exercer o ministério de Pedro para promover a unidade dos cristãos. O seu testemunho é atual como nunca.

Mensagem do Pontífice para o Dia internacional dedicado aos enfermeiros

## Bons samaritanos que guardam e servem a vida

Apelo a investir mais recursos na saúde, bem comum primário

*Um apelo «aos Responsáveis das Nações de todo o mundo, para que invistam na saúde como bem comum primário» foi feito pelo Pontífice numa mensagem difundida por ocasião do Dia internacional do enfermeiro, que se celebra a 12 de maio no contexto do Ano internacional dos enfermeiros e obstetras proclamado pela Organização mundial da saúde. A seguir, o texto da mensagem.*

Queridos irmãos e irmãs!

Celebramos hoje o Dia Internacional da Enfermagem, no contexto do Ano Internacional do Enfermeiro e da Obstetra, proclamado pela Organização Mundial da Saúde. Neste mesmo dia, recordamos também o bicentenário do nascimento de Florence Nightingale, que deu início à enfermagem moderna.

Neste momento histórico, marcado pela emergência de saúde mundial provocada pela pandemia do vírus Covid-19, redescobrimos o papel de importância fundamental que a pessoa do enfermeiro, como também a da obstetra, desempenha. Diariamente assistimos ao testemunho de coragem e sacrifício dos profissionais de saúde, nomeadamente enfermeiras e enfermeiros, que, com profissionalismo, abnegação, sentido de responsabilidade e amor ao próximo, prestam assistência às pessoas afetadas pelo vírus, com risco da própria saúde. Prova disso mesmo é o alto número de profissionais de saúde que, infelizmente, morreram no fiel cumprimento do seu serviço. Rezo por eles – o Senhor conhece-os todos pelo nome – e por todas as vítimas desta epidemia. O Senhor ressuscitado conceda a cada um a luz do Paraíso e, às suas famílias, o conforto da fé.

Os enfermeiros sempre tiveram um papel central na assistência sanitária. No contacto diário com os doentes, fazem experiência do trauma que o sofrimento provoca na vida duma pessoa. São homens e mulheres que optaram por dizer “sim” a uma vocação específica: ser bons samaritanos que se ocupam da vida e das feridas do próximo. Guardiões e servidores da vida, ao mesmo tempo que ministram as terapias necessárias, infundem coragem, esperança e confiança (Cf. *Nova Carta dos Profissionais de Saúde*, nn. 1-8).

Queridas enfermeiras, queridos enfermeiros, a responsabilidade moral guie o vosso profissionalismo, que não se há de limitar aos conhecimentos técnico-científicos, mas aparecer constantemente iluminado pela relação humana e humanizadora com o doente. «Ocupando-vos de mulheres e homens, crianças e idosos, em cada fase da sua vida, do nascimento à morte, estais comprometidos numa escuta contínua, destinada a compreender as exigências daquele doente, na fase que está a atravessar. Com efeito, diante da singularidade de cada situação, nunca é suficiente seguir um protocolo, mas é exigido um contínuo – e cansativo! – esforço de discernimento e de atenção a cada pessoa» (Francisco, *Discurso aos membros da Federação Italiana das Ordens das Profissões de Enfermagem*, 3/III/2018).

Vós, assim como as obstetras, estais junto da pessoa nos momentos cruciais da sua existência – o nascimento e a morte, a doença e a cura –, para a ajudar a superar as situações mais traumáticas. Às vezes encontrais-vos ao lado dela



Olga Bakhtina, «Bom samaritano» (2016)

quando está a morrer, oferecendo-lhe conforto e alívio nos últimos momentos. Por esta vossa dedicação, estais entre «os santos de ao pé da porta» (Francisco, *Homilia na Missa da Ceia do Senhor*, 09/IV/2020). Sois imagem daquela Igreja «hospital de campanha» que dá continuidade à missão de Jesus Cristo: Ele aproximou-Se e curou pessoas que sofriam de todo o género de males e ajoelhou-Se a lavar os pés dos seus discípulos. Obrigado por este vosso serviço à humanidade!

Em vários países, a pandemia fez vir à luz também muitas carências a nível da assistência sanitária. Por isso, apelo aos Responsáveis das nações de todo o mundo para que invistam neste bem comum primário que é a saúde, reforçando as estruturas e empregando mais enfermeiros, para se garantir a todos um atendimento adequado, no respeito pela dignidade de cada pessoa. É importante reconhecer, com factos, o papel essencial que desempenha esta profissão no cuidado dos pacientes, nas atividades territoriais de emergência, na prevenção das doenças, na promoção da saúde, na assistência aos setores familiar, comunitário e escolar.

Os enfermeiros e as enfermeiras, bem como as obstetras, têm direito e merecem ser mais valorizados e envolvidos nos processos que dizem respeito à saúde das pessoas e da comunidade. Está comprovado que investir neles melhora os resultados em termos de assistência e saúde geral. Portanto, é necessário elevar o seu perfil profissional, fornecendo instrumentos adequados para a sua formação a nível científico, humano, psicológico e espiritual, bem como melhorar as suas condições de trabalho e garan-

tir os seus direitos, para que possam desempenhar com toda a dignidade o seu serviço.

Neste sentido, às Associações dos profissionais de saúde cabe uma função importante, as quais, além de oferecer uma formação orgânica, acompanham individualmente os respetivos aderentes, fazendo-os sentir-se parte dum único corpo e não os deixando desorientados e sozinhos perante os desafios éticos, económicos e humanos que a profissão comporta.

Agora dirigindo-me de forma particular às obstetras, que prestam assistência às mulheres grávidas e as ajudam a dar à luz os seus filhos, digo: o vosso trabalho conta-se entre os mais nobres que existem, por estar consagrado como está diretamente ao serviço da vida e da maternidade. Na Bíblia, quase no início do livro do Êxodo (cf. 1, 15-21), ficaram imortalizados os nomes de duas parteiras heroicas: Chifra e Pua. Também hoje o Pai celeste olha para vós com gratidão.

Queridos enfermeiros, queridas enfermeiras e obstetras, que esta ocorrência coloque no centro a dignidade do vosso trabalho, em benefício da saúde da sociedade inteira. Por vós, pelas vossas famílias e por quantos assistis e cuidais, asseguro a minha oração e, de coração, concedo a Bênção Apostólica.

Roma, em São João de Latrão,  
12 de maio de 2020.

Franciscus

### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano  
redazione.portoghese.or@spc.va  
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +39069899420  
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +39069884797  
fax +39069884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilsol24ore.com

CATEQUESE

O Papa prosseguiu a reflexão sobre a oração

# Deus é como um pai ao qual se pode pedir tudo

*Um pai ao qual se pode pedir tudo: foi esta a imagem terna de Deus escolhida por Francisco para falar da oração na audiência geral de quarta-feira 13 de maio, realizada ainda na Biblioteca particular, sem a presença de fiéis devido às medidas de distanciamento social impostas pela pandemia de Covid-19. Retomando o ciclo de catequeses inaugurado na semana passada, o Pontífice comentou a leitura bíblica do livro dos Salmos (63, 2-5.9) para aprofundar o tema da oração do cristão.*

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Hoje damos o segundo passo no caminho de catequeses sobre a oração, iniciado na semana passada.

A oração pertence a todos: aos homens de todas as religiões, e provavelmente também àqueles que não professam religião alguma. A oração nasce no segredo de nós mesmos, naquele lugar interior a que muitas vezes os autores espirituais chamam “coração” (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2.562-2.563). Portanto, o que reza em nós não é algo periférico, nem uma nossa faculdade secundária e marginal, mas é o mistério mais íntimo de nós mesmos. É este mistério que reza. As emoções rezam, mas não se pode dizer que a oração é unicamente emoção. A inteligência reza, mas rezar não é apenas um ato intelectual. O corpo reza, mas pode-se falar com Deus até na invalidez mais grave. Por conseguinte, é o homem todo que ora, se o seu “coração” reza.

A oração é um impulso, uma invocação que vai além de nós próprios: algo que nasce no íntimo da nossa pessoa e que se estende, pois sente a nostalgia de um encontro. Aquela nostalgia que é mais do que uma carência, mais do que uma necessidade: é um caminho. A oração é a voz de um “eu” que tropeça, que procede às cegas, em busca de um “Tu”. O encontro entre o “eu” e o “Tu” não pode ser calculado: é um encontro humano e, muitas vezes, procede-se às cegas para encontrar o “Tu” que o meu “eu” procura.

Ao contrário, a oração do cristão nasce de uma revelação: o “Tu” não permaneceu envolvido no mistério, mas entrou em relação conosco. O cristianismo é a religião que celebra continuamente a “manifestação” de Deus, ou seja, a sua epifania. As primeiras festas do ano litúrgico são a celebração deste Deus que não permanece escondido, mas que oferece a sua amizade aos homens. Deus revela a sua glória na pobreza de Belém, na contemplação dos Magos, no batismo

no Jordão, no prodígio das bodas de Caná. O Evangelho de João conclui o grande hino do Prólogo com esta afirmação sintética: «Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou» (1, 18). Foi Jesus quem nos revelou Deus.

A oração do cristão entra em relação com o Deus de rosto profundamente terno, que não quer incutir medo algum aos homens. Esta é a primeira característica da prece cristã. Se os homens desde sempre estavam habituados a aproximar-se de Deus com um pouco de timidez, um pouco apavorados diante deste mistério fascinante e terrível, se se tinham habituado a adorá-lo com uma atitude servil, semelhante à de um servo que não quer desrespeitar o seu senhor, ao contrário os cristãos dirigem-se a Ele ousando chamá-lo de modo confidente, com o nome de “Pai”. Na verdade, Jesus usa outra palavra: “paizinho”.

O cristianismo eliminou do vínculo com Deus todas as relações “feudais”. No património da nossa fé não existem expressões como “subjugação”, “escravatura” ou “vassalagem”; mas sim palavras como “aliança”, “amizade”, “promessa”, “comunhão”, “proximidade”. No seu longo discurso de despedida dos discípulos, Jesus diz assim: «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas foi Eu que vos escolhi e vos constituí, para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo conceda» (Jo 15, 15-16). Mas trata-se de um cheque em branco: “Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, Eu vo-lo concederei”!

Deus é o amigo, o aliado, o esposo. Na oração pode-se estabelecer uma relação de confiança com Ele, a ponto que no “Pai-Nosso” Jesus nos ensinou a dirigir-lhe uma série de pedidos. A Deus podemos



pedir tudo, tudo; explicar tudo, contar tudo. Não importa se no nosso relacionamento com Deus nos sentimos em falta: não somos bons amigos, não somos filhos agradecidos, não somos esposos fiéis. Ele continua a amar-nos. É o que Jesus demonstra definitivamente na Última Ceia, quando diz: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós» (Lc 22, 20). Naquele gesto, Jesus antecipa no Cenáculo o mistério da Cruz. Deus é um aliado fiel: até quando os homens deixam de amar, Ele continua a amar, mesmo que o amor o leve ao Calvário. Deus está sempre perto da porta do nosso coração e espera que lhe abramos. E às vezes bate à porta do coração, mas não é indiscreto: espera. A paciência de Deus conosco é a paciência de um pai, de alguém que nos ama muito. Diria que é a paciência de um pai e ao mesmo tempo de uma mãe. Sempre perto do nosso coração, e quando bate à porta, fá-lo com ternura e com muito amor.

Procuramos todos rezar assim, entrando no mistério da Aliança. Colocar-nos em oração nos braços misericordiosos de Deus, sentir-nos envolvidos por esse mistério de felicidade que é a vida trinitária, sentir-nos como convidados que não mereciam tanta honra. E, no assombro da oração, repetir a Deus: é possível que Tu só conheças amor? Ele não conhece o ódio. Ele é odiado, mas não conhece o ódio. Só conhece o amor. Tal é o Deus a quem rezamos. Eis o núcleo incandescente de toda a oração cristã. O Deus de amor, o nosso Pai que nos espera e nos acompanha.

*No final da catequese, antes de recitar o Pai-Nosso e conceder a bênção, o Pontífice saudou em várias línguas os fiéis que o seguiam através da mídia. Em particular, no dia de Nossa Senhora de Fátima, recordou o atentado de 1981 a João Paulo II e o iminente centenário do seu nascimento.*

Saúdo os ouvintes de língua portuguesa e, neste dia 13 de maio, a todos encorajo a conhecer e seguir o exemplo da Virgem Maria. Para isto procuremos viver este mês com uma oração diária mais intensa e fiel, em particular rezando o terço, como recomenda a Igreja, obedecendo a um desejo repetidamente expresso em Fátima por Nossa Senhora. Sob a sua proteção, vereis que os sofrimentos e as aflições da vida serão mais suportáveis. Hoje, gostaria de me abeirar, com o coração, à diocese de Leiria-Fátima, ao santuário de Nossa Senhora. Saúdo todos os peregrinos que lá estão em oração; saúdo o Cardeal Bispo, saúdo a todos. Todos unidos a Nossa Senhora, para que nos acompanhe neste caminho de conversão diária rumo a Jesus. Que Deus vos abençoe!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Recorrei constantemente à ajuda de Nossa Senhora; nela encontramos uma Mãe carinhosa e terna, refúgio seguro nas adversidades.

Saúdo os fiéis de língua italiana. No aniversário da primeira Aparição aos pequenos videntes de Fátima, convido-vos a invocar a Virgem Maria a fim de que cada um persevere no amor a Deus e ao próximo. Concedo a minha bênção a todos!

Carta do Santo Padre ao reitor da Pontifícia universidade São Tomás de Aquino

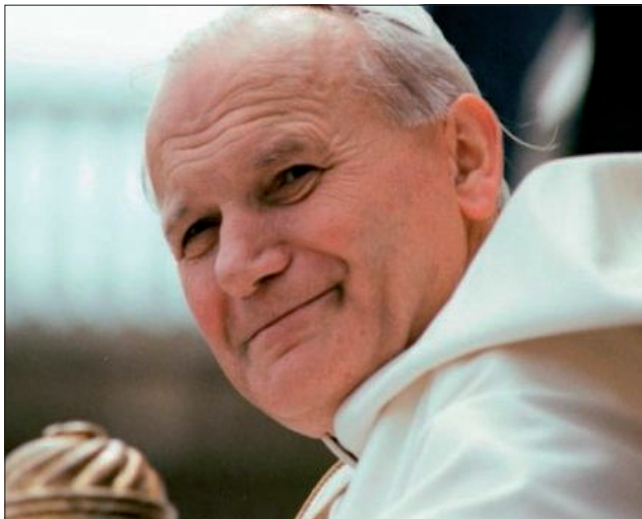
## Inaugurado no Angelicum o Instituto de cultura São João Paulo II

Às 17 horas do dia 18 de maio, no centenário do nascimento de Karol Wojtyła, foi inaugurado na faculdade de filosofia da Pontifícia universidade São Tomás de Aquino em Roma o Instituto São João Paulo II. Para a ocasião o Papa Francisco enviou ao reitor do Angelicum — instituto que contou entre os seus alunos como jovem estudante o futuro Pontífice polaco — a seguinte carta.

Ao amado irmão  
Michał Paluch, O.P.

Reitor da Pontifícia Universidade  
de S. Tomás de Aquino

No dia em que se celebra o centenário do nascimento de São João Paulo II, o aluno mais ilustre desta Universidade, inaugura-se no *Angelicum*, na Faculdade de Filosofia, o Instituto de Cultura a ele intitulado. Desejo manifestar o meu apreço por esta iniciativa e dirigir uma cordial saudação a toda a comunidade académica e a quantos se reuniram para o evento, em particular aos representantes das duas Fundações polacas, *Futura Iuventa* e *Saint Nicholas*, que apoiam o novo Instituto.



Ele tem como finalidade principal a reflexão sobre a cultura contemporânea. Com este objetivo, os promotores tencionam valer-se da colaboração dos mais eminentes filósofos,

teólogos, homens e mulheres de cultura, na sua mais ampla expressão. E desta obra São João Paulo II é muito inspirador como primeiro e mais importante artífice, com a herança

rica e multiforme que deixou e, antes ainda, com o exemplo do seu espírito aberto e contemplativo, apaixonado por Deus e pelo homem, pela criação, pela história e pela arte.

As suas várias experiências de vida, entre as quais nomeadamente os dramas epocais e os sofrimentos pessoais, interpretados à luz do Espírito, levaram-no a desenvolver com singular profundidade a reflexão sobre o homem e as suas raízes culturais, como referência imprescindível para todo o anúncio do Evangelho. Com efeito, na sua primeira Encíclica escreveu: «Aproximamo-nos também de todas as culturas, de todos os conceitos ideológicos e de todos os homens de boa vontade. E aproximamo-nos com aquela estima, respeito e discernimento que, desde os tempos apostólicos, distinguem a atitude missionária e do missionário. Basta-nos recordar São Paulo e, por exemplo, o seu discurso no Areópago de Atenas. A atitude missionária começa sempre por um sentimento de profunda estima para com aquilo “que há em cada homem”, por aquilo que ele, no íntimo do seu espírito, elaborou quanto aos problemas mais profundos e importantes; trata-se do respeito para com aquilo que nele operou o Espírito, que “sopra onde quer”» (*Redemptor hominis*, 12; cf. *Discurso à Unesco*, 2 de junho de 1980).

Temos necessidade de manter viva esta atitude, se quisermos ser Igreja em saída, Igreja que não se contenta com preservar e administrar o que já existe, mas quer ser fiel à sua missão.

Estou muito feliz por esta iniciativa se realizar na Universidade de S. Tomás de Aquino. Com efeito, o *Angelicum* hospeda uma comunidade académica constituída por professores e estudantes do mundo inteiro e é um lugar adequado onde interpretar os importantes desafios das culturas de hoje. A tradição da Ordem Dominicana, com o seu importante papel que desempenha na reflexão racional sobre a fé e o seu conteúdo, articulada de forma magistral pelo Doutor Angélico, não pode deixar de favorecer este projeto, a fim de que se distinga pela coragem da verdade, pela liberdade de espírito e pela honestidade intelectual (cf. São Paulo VI, Carta Apostólica *Lumen Ecclesiae*, 20 de novembro de 1974, n. 8; São João Paulo II, Encíclica *Fides et ratio*, 43).

Com estes votos, estimado Irmão, renovo-lhe o meu encorajamento e gratidão, assim como aqueles que deram vida ao novo Instituto. Aos professores, alunos e funcionários, desejo bom trabalho e concedo-lhes de coração a Bênção Apostólica.

Roma, São João de Latrão,  
18 de maio de 2020.

Franciscus

Mensagem em vídeo do Papa aos jovens de Cracóvia no centenário do nascimento de São João Paulo II

### Caminhai corajosamente com Jesus

Por ocasião do centenário do nascimento de São João Paulo II o Papa Francisco enviou aos jovens de Cracóvia (Polónia) a seguinte mensagem de vídeo.

Amados jovens!

Este ano celebramos o centenário do nascimento de São João Paulo II. É uma boa ocasião para me dirigir a vós, jovens de Cracóvia, pensando em como ele amava os jovens, e recordando a visita que vos fez para a JMJ de 2016.

São João Paulo II foi um dom extraordinário de Deus para a Igreja e para a Polónia, vossa pátria. A sua peregrinação terrena, que começou a 18 de maio de 1920 em Wadowice e terminou há 15 anos em Roma, foi marcada por uma paixão pela vida e um fascínio pelo mistério de Deus, do mundo e do homem.

Recordo-o como um gigante da misericórdia: penso na Encíclica *Dives in Misericordia*, na canonização de Santa Faustina e na instituição do Domingo da Divina Misericórdia. A luz do amor misericordioso de Deus, ele compreendeu a especificidade e a beleza da vocação das mulheres e dos homens, compreendeu as necessidades das crianças, dos jovens e dos adultos, considerando também os condicionamentos culturais e sociais. Todos puderam experimentá-lo. Hoje também vós podéis experimentá-lo, conhecendo a sua vida e os seus ensinamentos, disponíveis a todos inclusive graças à internet.

Todos e cada um de vós, queridos rapazes e moças, tendes a marca da vossa família, com as suas alegrias e tristezas. O amor e o cuidado pela família é um traço característico de João Paulo II. O seu ensinamento representa um ponto de referência seguro a fim de encontrar soluções concretas para as dificuldades e desafios que as famílias enfrentam nos nossos dias (cf. *Mensagem ao Congresso “João Paulo II, o Papa da Família”*, Roma, 30 de outubro de 2019).

Mas os problemas pessoais e familiares não constituem um obstáculo no caminho da santidade e da felicidade. Nem o foram para o jovem Karol Wojtyła, que desde a infância sofreu a perda da mãe, do irmão e do pai. Como estudante, experimentou as atrocidades do nazismo, que o privou de tantos amigos. Após a guerra, como sacerdote e bispo, teve de enfrentar o comunismo ateu.

As dificuldades, também as duras, constituem uma prova de maturidade e de fé; uma prova que só pode ser vencida confiando no poder de Cristo morto e resuscitado. João Paulo II recordou-o à Igreja inteira desde a sua primeira Encíclica, *Redemptor hominis*, na qual diz: «O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente... deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e a sua morte, aproximar-se de Cristo. Deve, por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo» (n. 10).

Caros jovens, é o que desejo para cada um de vós: entrar em Cristo com toda a vossa vida. E espero que as celebrações do centenário do nascimento de São João Paulo II inspirem em vós o desejo de caminhar corajosamente com Jesus, que é «o Senhor do risco, o Senhor do sempre “mais além” [...] O Senhor, como no Pentecostes, quer realizar um dos maiores milagres que podemos experimentar: fazer com que as tuas mãos, as minhas mãos, as nossas mãos se transformem em sinais de reconciliação, de comunhão, de criação. Ele quer as tuas mãos — rapaz, moça, Ele quer as tuas mãos — para continuar a construir o mundo de hoje» (*Discurso na Vigília da JMJ*, Cracóvia, 30 de julho de 2016).

Confio todos vós à intercessão de São João Paulo II e abençoo-vos de coração. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

Homilia de Francisco na missa celebrada junto do túmulo do Pontífice polaco no centenário do nascimento

## Com ele Deus visitou o seu povo

No centenário do nascimento de João Paulo II, Francisco recordou-o celebrando — na manhã de 18 de maio — a missa junto do túmulo do santo Pontífice na Basílica de São Pedro. A seguir, a homilia improvisada proferida pelo Papa:

Cantamos «o Senhor ama o seu povo» (Sl 149, 4), era o refrão do cântico interleccional e também uma verdade que o povo de Israel repetia, gostava de repetir: «O Senhor ama o seu povo», e nos maus momentos, «o Senhor ama» sempre; devemos esperar como este amor se há de manifestar. Quando, por este amor, o Senhor enviava um profeta, um homem de Deus, a reação do povo era: «O Senhor visitou o seu povo» (cf. Êx 4, 31), porque o ama, «visitou-o». E o mesmo dizia a multidão, que seguia Jesus vendo o que Jesus fazia: «O Senhor visitou o seu povo» (cf. Lc 7, 16).

E hoje aqui podemos dizer: há cem anos o Senhor visitou o seu povo. Enviou um homem, preparou-o para ser bispo e guiar a Igreja. Celebrando a memória de São João Paulo II, retomemos isto: «O Senhor ama o seu povo», o Senhor visitou o seu povo, enviou um pastor. E quais são, digamos assim, «os sinais» do bom pastor que podemos encontrar em São João Paulo II? Muitos! Mas mencionemos apenas três. Dado que se afirma que os jesuítas dizem sempre as coisas de três em três... citemos três: a oração, a proximidade ao povo e o amor à justiça. São João Paulo II era um homem de Deus porque rezava, e rezava muito. Mas



como é que um homem que tem tanto para fazer, tanto trabalho para guiar a Igreja... tem tanto tempo para rezar? Ele sabia bem que a primeira tarefa do bispo é rezar. E isto não o disse o Vaticano II, disse-o São Pedro; quando fizeram os diáconos, disseram: «E a nós, bispos, a oração e a proclamação da Palavra» (cf. At 6, 4). A primeira tarefa do bispo é rezar, e ele sabia isto, e fazia assim. Modelo de bispo que reza, é a primeira tarefa. E ensinou-nos que quando o bispo faz o exame de consciência à noite, se deve pergun-

tar: quantas horas rezei hoje? Homem de oração.

Segundo sinal, homem de proximidade. Não era um homem desapegado do povo, pelo contrário, foi visitar o povo e deu a volta ao mundo inteiro, encontrando o seu povo, procurando o seu povo, aproximando-se. E a proximidade é um dos traços de Deus com o seu povo. Recordemos que ao povo de Israel o Senhor diz: «que povo há tão grande que tenha deuses como o Senhor, sempre pronto a atender-nos?» (cf. Dt 4, 7). Uma proximidade de Deus

com o povo, que depois se torna íntima em Jesus, se torna forte em Jesus. O pastor está próximo do povo, pelo contrário, se não estiver, não é pastor, é um hierarca, um administrador, talvez bom, mas não é pastor. Proximidade ao povo. E São João Paulo II deu-nos o exemplo desta proximidade: próximo dos grandes e dos pequeninos, dos vizinhos e dos distantes, sempre perto, aproximava-se.

Terceiro sinal, o amor à justiça. Mas à justiça plena! Um homem que queria a justiça, a justiça social, a justiça dos povos, a justiça que afasta as guerras. Mas justiça plena! Por isso, São João Paulo II era o homem da misericórdia, porque justiça e misericórdia caminham juntas, não se podem distinguir [no sentido de separar], estão unidas: justiça é justiça, misericórdia é misericórdia, mas uma não se encontra sem a outra. E falando do homem de justiça e misericórdia, pensemos no que São João Paulo II fez para que as pessoas compreendessem a misericórdia de Deus. Pensemos no modo como ele promoveu a devoção a Santa Faustina [Kowalska] cuja memória litúrgica, a partir de hoje, será para toda a Igreja. Ele sentiu que a justiça de Deus tinha este aspeto de misericórdia, esta atitude de misericórdia. E este é um dom que ele nos deixou: justiça-misericórdia e a misericórdia justa. Peçamos-lhe hoje, que conceda a todos nós, especialmente aos pastores da Igreja, mas a todos, a graça da oração, a graça da proximidade e a graça da justiça-misericórdia, da misericórdia-justiça.

Decreto da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos

## A celebração de Santa Faustina Kowalska no Calendário romano geral

A memória facultativa será a 5 de outubro, dia do seu falecimento

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO  
E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS

Prot. n.º 229/20

DECRETO

Sobre a inscrição da celebração de St. Faustina Kowalska, virgem, no Calendário Romano Geral

«A sua misericórdia vai de geração em geração para aqueles que o temem» (Lc 1, 50). O que a Virgem Maria cantou no Magnificat contemplando a obra salvadora de Deus em benefício de todas as gerações humanas, refletiu-se na experiência espiritual de Santa Faustina Kowalska que, através do dom do Céu, viu no Senhor Jesus Cristo o rosto misericordioso do Pai e se tornou sua anunciadora.

Nascida na aldeia de Głogowiec, perto de Łódź na Polónia, em 1905, e falecida em Cracóvia em 1938, Santa Faustina consumiu a sua jovem vida entre as Irmãs da Santíssima Virgem Maria da Misericórdia, conformando-se generosamente com a vocação recebida de Deus e amadurecendo uma vida espiritual intensa, rica de dons místicos e de fiel correspondência a eles. A narração do que o



A imagem da irmã Faustina na igreja romana de Santo Spirito in Sassia, onde a 19 de abril passado o Papa celebrou a festa da Divina Misericórdia

Senhor realizou nela em benefício de todos, ela mesma o descreveu no Diário da sua alma, santuário do encontro com o Senhor Jesus: ouvindo Aquele que é Amor e Misericórdia, ela compreendeu que nenhuma miséria humana pode medir-se com a misericórdia que flui inexaurivelmente do coração de Cristo. Ela tornou-se assim a inspiração para um movimento destinado a proclamar e implorar a misericórdia divina para todo o mundo. Canonizada no ano 2000 por S. João Paulo

II, o nome de S. Faustina depressa se tornou conhecido no mundo inteiro, promovendo em todos os membros do povo de Deus, Pastores e fiéis leigos, a invocação da misericórdia divina e o seu testemunho credível na vida dos crentes. Portanto, o Sumo Pontífice Francisco, aceitando as petições e desejos de pastores, religiosas e religiosos, bem como de associações de fiéis, considerando a influência exercida pela espiritualidade de Santa Faustina em diferentes regiões do mundo, ordenou que o nome de Santa Maria Faustina (Helen) Kowalska, virgem, fosse inscrito no Calendário Romano Geral e que a sua memória facultativa fosse celebrada por todos no dia 5 de outubro. Esta nova memória será incluída em todos os Calendários e Livros Litúrgicos para a celebração da Missa e da Liturgia das Horas, adotando os textos litúrgicos anexos a este decreto, que serão traduzidos, aprovados e, após a confirmação deste Dicastério, publicados pelas Conferências Episcopais.

Não obstante qualquer disposição contrária.

Da Sé da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 18 de maio de 2020.

Robert Card. Sarah  
Prefeito

Arthur Roche  
Arcebispo Secretário



Há dois meses a Organização mundial da saúde declarou o estado de pandemia do coronavírus

## Somente juntos sairemos das crises globais

GIUSEPPE FIORENTINO

Entre as muitas imagens que acompanharão a memória desta pandemia no futuro, contam-se certamente as pessoas em fila. Em fila para fazer as compras, para entrar na farmácia, para aceder aos serviços postais ou bancários.

Mas outra imagem, da qual muitos tinham perdido a memória, marca estes dias difíceis de uma forma dolorosa: as pessoas, com máscaras, pacientemente à espera diante das casas de penhores, onde esperam obter a quantidade de que precisam para sobreviver durante alguns dias. É uma “imagem” que nos faz compreender como, ao contrário do que alguns sociólogos apressados previram, o coronavírus não tem sido um grande nivelador. Ao contrário, em toda parte, o contágio aumentou o fosso socioeconómico, fazendo sentir os seus efeitos devastadores especialmente nas camadas mais pobres da

população e, em particular, nos grupos sem qualquer proteção, como os imigrantes em situação irregular ou os trabalhadores não declarados. Esta situação é ainda mais grave nos países onde não vigora o estado social e as pessoas não têm garantias, nem sequer do ponto de vista da saúde.

Já passaram dois meses desde que a Organização mundial da saúde (Oms), a 11 de março, declarou a pandemia do coronavírus. Naquele momento, havia 118.000 casos e 4.291 vítimas. Os números recentes, a 10 de maio, falam de 3.884.434 casos oficiais e 272.859 mortos. Dois meses terríveis, em que a Covid-19, embora contida em algumas áreas graças às políticas de distanciamento social, atingiu o mundo com uma virulência devastadora, e talvez inesperada. Uma virulência que aumentou o fosso económico e social nos países ocidentais, e corre o risco de au-

mentar o fosso entre países ricos e países pobres.

O Ocidente, embora duramente atingido, conseguiu de alguma forma combater a epidemia, porque está globalmente mais bem preparado do que os países com sistemas de saúde e sociais muito mais fracos. A Oms e outras agências da Onu recebem a expansão da doença na África e noutras regiões do Sul do mundo, porque estão conscientes de que a propagação do vírus, por muito lenta que seja, não pode ser adequadamente combatida. Isto deve-se principalmente à falta de recursos económicos.

Numa confirmação dramática da interligação que une o mundo, a crise que atingiu o Norte rico reverberou-se violentamente no Sul. O fluxo de remessas de centenas de milhões de migrantes foi interrompido, subtraindo linfa vital aos países em vias de desenvolvimento, já obrigados a dedicar uma grande parte dos seus orçamentos ao pagamento da dívida externa. Um inquérito recente do Washington Post mostrou que a pobreza global aumentará este ano, pela primeira vez em mais de duas décadas. O Banco Mundial previu que o coronavírus levará milhões de pessoas à miséria na África subsariana e no Sul da Ásia. De acordo com alguns economistas, um súbito empobrecimento poderia atingir 8% da humanidade (cerca de 500 milhões de pessoas). Um empobrecimento que significará fome.

Não se trata apenas de previsões sombrias. No mês passado, mais precisamente a 21 de abril, o diretor executivo do Programa alimentar mundial (Pam), David Beasley, durante um briefing em vídeo com o Conselho de segurança das Nações

Unidas, alertou para aquilo a que chamou “a pior catástrofe humanitária depois da segunda guerra mundial”. Segundo Beasley, a pandemia vai duplicar o número de pessoas famintas, atingindo tragicamente situações locais já comprometidas pela guerra, por fenómenos meteorológicos extremos e carestias. Aos 135 milhões de pessoas que sofreram uma grave insegurança alimentar em 2019 juntar-se-ão outros 130 milhões em 2020, devido ao impacto económico da Covid-19. Em 2020 haverá, portanto, cerca de 265 milhões de pessoas em países de baixo e médio rendimento que sofrerão de grave insegurança alimentar. A não ser que sejam tomadas medidas rápidas para combater esta verdadeira pandemia da fome.

Uma crise global exigiria uma resposta global para evitar que futuras crises locais e regionais tenham efeitos muito prejudiciais a nível planetário. Mas, no momento, enquanto as grandes economias adotam, com razão, medidas de incremento com nove zeros, apenas algumas migalhas estão a ser doadas aos países mais pobres, que, vale a pena repetir, gastam mais para respeitar os compromissos com os credores estrangeiros do que para desenvolver os seus sistemas de saúde ou redes de produção alimentar. Também em abril passado, os países do G-20 decidiram congelar temporariamente o pagamento da dívida externa de muitas nações pobres. Mas talvez, como muitos esperavam, tenha chegado o momento de decidir cancelar a dívida, a fim de garantir maior solidez aos países em vias de desenvolvimento, de lhes proporcionar uma capacidade de resposta adequada em situações de emergência e, por conseguinte, de proteger todo o mundo do perigo de novas crises.

Apoiar as economias mais frágeis do mundo convém a todos, mas até num momento como este, para alguns, a solidariedade internacional não parece ser uma prioridade. Inevitavelmente, ao fazer certas escolhas, como a de atacar abertamente a Oms e outras organizações multilaterais, entram em jogo avaliações políticas ligadas a um horizonte que poderia ser definido “doméstico”. Um horizonte demasiado limitado para responder a uma tragédia global. Também não está excluído o risco de que a pesquisa para descobrir a vacina possa gerar concorrência numa tentativa de obter uma posição dominante. O papel das organizações internacionais deveria ser precisamente o de impedir que certas tentações prossigam, o que talvez explique as continuas tentativas de as deslegitimar.

Estamos todos no mesmo barco, recordou o Papa Francisco no extraordinário momento de oração realizado no dia 27 de março, numa Praça de São Pedro completamente vazia e fustigada pela chuva. Estamos “todos chamados a remar juntos”. Um forte apelo à corresponsabilidade e um aviso sempre atual. Porque da crise do coronavírus, como de qualquer outra crise que envolva toda a humanidade, só há uma saída. Juntos.



Um volume da Lev em formato digital

### A vida depois da pandemia

Oito textos do Papa Francisco – escritos ou pronunciados entre 27 de março e 22 de abril – que podem ser lidos como uma única e ampla reflexão sobre a crise que atingiu o mundo neste momento de emergência e como uma mensagem urgente à humanidade: *é La vita dopo la pandemia* [A vida depois da pandemia], o novo volume publicado pela Editora do Vaticano, disponível gratuitamente em formato digital. As palavras do Papa recolhidas no livro oferecem um quadro articulado e completo do pensamento de Francisco, manifestado várias vezes nos últimos meses e caracterizado pela vontade, indicando à família humana as linhas de um reinício que tem o sabor do renascimento.

O prefácio é assinado pelo cardeal jesuíta Michael Czerny, subsecretário da Secção Migrantes e Refugiados do Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. No texto introdutório, o cardeal destaca os dois objetivos desta coleção: «sugerir rumo, chaves de leitura e orientações para reconstruir um mundo melhor que possa surgir desta crise da humanidade» (pág. 3) e semear a esperança no meio de tanto sofrimento e perplexidade. Estes oito textos, escreve o cardeal, entre outras coisas, «mostram a abordagem calorosa e inclusiva do Papa Francisco, que não reduz as pessoas a unidades a serem contadas, medidas e geridas, mas engloba todos na comum humanidade e no espírito» (pág. 5). Desta coleção emerge a personalidade de um Pontífice que desafia todos – dos que têm

responsabilidades internacionais e nacionais às pessoas comuns – a praticar o bem; um Papa que mostra a sua gratidão àqueles que trabalham para garantir os serviços básicos necessários à coexistência civil e que, ao mesmo tempo, escuta, olha e convida a olhar para aqueles que hoje são de facto invisíveis e não têm voz. Para o Papa Francisco chegou o momento de olhar para um mundo pós-Covid e de se preparar para a mudança. Os textos recolhidos no volume destacam as suas reflexões sobre temas com os quais todos, à luz da pandemia, são diariamente chamados a lidar: poluição global, economia, trabalho e valorização dos cuidados de saúde. O Pontífice exorta-nos a pôr de lado os interesses individuais, empresariais e nacionais, a fim de dar origem a uma nova era de solidariedade na qual todos os seres humanos tenham igual dignidade. «Unidos com visão de conjunto, empenho e ação – concluiu o Cardeal Czerny – Francisco mostrou como a oração é fundamental para reorientar o nosso olhar para a esperança, especialmente quando ela se torna ténue e corre o risco de sucumbir» (pág. 15).

*La vita dopo la pandemia* já está disponível gratuitamente em italiano e inglês. Nos próximos dias, serão também colocadas online versões em francês, espanhol e português. Os textos podem ser baixados do site da Lev [www.libreriaeditricevaticana.va](http://www.libreriaeditricevaticana.va) e através de Vatican News <https://www.vaticannews.va/it/lev.html>.

Entrevista à presidente da Comissão europeia sobre o pós-pandemia

# Para ser forte a Europa permaneça unida e solidária

ALESSANDRO GISOTTI

O sonho de Robert Schuman e dos Pais Fundadores da Europa continua vivo e pode ajudar os povos europeus a superar a crise provocada pela pandemia, reforçando os fundamentos da solidariedade. Na véspera do Europa Day, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, falou a L'Osservatore Romano e a Vatican News sobre os principais temas do momento, tais como o compromisso para encontrar uma vacina contra a Covid-19, e as medidas para apoiar a economia continental. Von der Leyen insistiu também sobre os apelos do Papa Francisco pela unidade dos povos europeus contra os egoísmos nacionalistas e sobre o papel que a União Europeia poderá desempenhar a nível internacional após o fim da pandemia.

*Presidente Ursula von der Leyen, alguns meses após a sua eleição como chefe da Comissão Europeia, a senhora deve enfrentar uma crise sem precedentes para a Europa. Como vive, pessoalmente, este momento difícil?*

A crise atual coloca todos nós à prova, até ao extremo. Há já dois meses que passo a maior parte do tempo em Berlaymont, o edifício que hospeda a Comissão em Bruxelas. Devido ao risco de contágio, atualmente há apenas um pequeno grupo de doze funcionários que trabalham ali. Embora estejamos no mesmo edifício, falo com os comissários todos os dias em ligação vídeo. Procuo respirar um pouco de ar fresco e ver o sol pelo menos uma vez por dia. E às vezes consigo ir correr nalgum lugar verde. É disto que a alma precisa. Além disso, todas as noites falo em ligação vídeo com o meu marido e os meus filhos grandes. Estou feliz por todos estarem bem. Penso também nas numerosas famílias que não são tão afortunadas e que devem preocupar-se muito com os seus entes queridos. É isto que motiva o meu trabalho como presidente da Comissão, para ajudar os países e as pessoas no mundo a enfrentar esta crise profunda da melhor forma possível. Atualmente, muitas pessoas são obrigadas a ficar em casa. Tenho a possibilidade de fazer muitas coisas. Isto ajuda-me.

*A 9 de maio celebramos o Dia europeu. Que significado pode ter hoje, para os cidadãos europeus, que enfrentam a crise mais grave depois da segunda guerra mundial?*

A União Europeia melhorou o destino do nosso continente. Nasceu das cinzas de uma crise que assolou o continente. E é em tempos de crise como a atual que podemos apreciar o seu verdadeiro valor. Para os meus pais, a Europa significava paz. Para a minha geração, significa liberdade e Estado de direito. Para a geração dos meus filhos, significa futu-



A presidente Ursula von der Leyen durante uma conferência em vídeo (Afp)

ro e abertura ao mundo. Às vezes consideramos a Europa como garantia. Esquecemos que é um bem precioso viver na prosperidade económica, na coesão social, no respeito pelos direitos humanos. Tal como no caso da liberdade e da saúde, só apreciamos o seu verdadeiro valor quando tememos perdê-los. A atual pandemia recorda-nos isto de modo doloroso. Como disse Alcide De Gasperi: «Só se estivermos unidos seremos fortes, só se formos fortes seremos livres». Devemos continuar a trabalhar por uma Europa mais próxima e mais unida. Este ano a Festa da Europa foi um pouco diferente. Mas espero que, para todos os europeus, possa contudo ser um momento de celebração da amizade, unidade e solidariedade entre países e pessoas.

*Neste momento de pandemia, o Papa Francisco exortou várias vezes a Europa a voltar ao sonho dos Pais Fundadores, um sonho de solidariedade e de paz. É possível realizar este sonho? Como podemos concretizá-lo?*

A 9 de maio celebramos o 70º aniversário da declaração de Robert Schuman, que depois se tornou o ponto de partida do nosso caminho rumo à União Europeia. A declaração de Schuman mudou o destino do nosso continente. As suas exigências de uma Europa unida e solidária são válidas como nunca. Hoje não vejo melhor homenagem às palavras de Schuman do que a solidariedade entre os países da União Europeia. Os médicos e enfermeiros romenos e noruegueses que foram a Bergamo para assistir os doentes, a Alemanha que ofereceu as suas unidades de cuidados intensivos a doentes da Itália; a França, os Países Baixos e a República Checa que enviaram máscaras à Espanha. O choque do coronavírus contém também uma mensagem saudável em sentido lato: quem olha só para si não vai

longe. Somente juntos podemos superar crises importantes, conflitos e reformas. Isto é válido também para o plano de recuperação ou para a nossa União Europeia. Deve ser forte e traçar com amplas pinceladas o caminho da Europa rumo ao futuro. Luto por uma Europa fundamentada na solidariedade, que abrace com coragem as oportunidades verdes e digitais e que esteja preparada mais solidamente para crises futuras.

*A pandemia evidencia novos egoísmos nacionalistas. Também o Papa Francisco lançou o alarme a tal respeito. A senhora recia que os povos europeus se possam afastar das suas instituições a nível continental? O que podem os líderes europeus fazer para evitar que isto aconteça?*

Devemos ser vigilantes. Mas como vemos, os governos nacionalistas do mundo não têm respostas a dar a uma pandemia que não conhece confins, religiões nem cor da pele. No início da crise, alguns Estados-Membros da União Europeia sentiram o instinto de se fechar e de tomar medidas de modo isolado. Mas no final tudo isto não foi eficaz e criou problemas. Assim, os governos concluíram depressa que só podemos proteger os nossos cidadãos se trabalharmos em conjunto, se nos ajudarmos uns aos outros e se compartilharmos. Na União Europeia, juntos adotamos centenas de medidas para assegurar que os hospitais na Itália ou na Espanha pudessem dispor dos equipamentos de que precisavam, que os bens essenciais, como medicamentos ou alimentos, chegassem rapidamente às farmácias ou lojas, que os trabalhadores das regiões fronteiriças pudessem atravessar o confin para chegar ao lugar de trabalho e que as pessoas mantivessem o seu emprego. Agir concretamente para proteger a saúde e os lugares de trabalho das pessoas: é isto que devemos continuar a fazer.

*Durante a crise financeira de 2012, Mario Draghi, nessa época presidente do Banco Central Europeu, afirmou que o euro deve ser preservado a qualquer preço. "Whatever it takes" (Custe o que custar), disse. Na sua opinião, está hoje a União Europeia disposta, "custe o que custar" a salvar a economia do continente?*

Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para manter os lugares de trabalho das pessoas e para apoiar as empresas ameaçadas pelo colapso da atividade económica. Já adotamos muitas medidas de apoio. Modificamos as normas sobre as ajudas estatais para permitir que os governos auxiliem as empresas que se encontram em dificuldades por causa da crise. Recorremos à plena flexibilidade das nossas regras orçamentais para permitir que os governos contrastem a crise. Até agora, a União Europeia mobilizou mais de três mil biliões de euros para ajudar as pessoas, as empresas e a economia nos nossos Estados-Membros. É a resposta económica mais imponente do mundo. Só para citar um exemplo tangível: a União Europeia ajudará as pessoas a manter o emprego, apoiando o trabalho a tempo parcial. Disponibilizamos cem biliões de euros para este modelo, semelhante ao subsídio de desemprego. Agora devemos elaborar um plano de recuperação, construído sobre um orçamento europeu sólido, que permita a recuperação das nossas economias. Estou certa de que todos os governos da União Europeia entendem a dimensão do desafio e que estaremos à altura da tarefa.

*Depois desta crise, que papel poderá desempenhar a Europa a nível internacional? Na sua opinião, que aspeto terá o multilateralismo após a crise atual?*

Este vírus demonstra como o mundo está interligado. Estamos perante uma pandemia global e a única forma de derrotar o vírus é através da cooperação internacional e da solidariedade.

Tal foi o objetivo do evento para a angariação de fundos "Coronavirus Global Response", que convoquei a 4 de maio, juntamente com numerosos governos da União Europeia e de outros parceiros. Mais de cinquenta chefes de Estado e de governo, organizações de saúde e empresários do mundo inteiro uniram-se a nós para angariar fundos e dar início a um trabalho sem precedentes em matéria de vacinas e tratamentos contra o coronavírus. Angariamos 7,4 biliões de euros, mais de metade provenientes da União Europeia e dos seus governos. E reunimos sob o mesmo teto organizações globais que trabalham para desenvolver vacinas, tratamentos e meios diagnósticos, e para os tornar disponíveis, a preços acessíveis, no mundo inteiro. O bom êxito deste evento demonstrou-nos, mais uma vez, a força do trabalho conjunto.



Foi bispo de Novara e vice-presidente da Conferência episcopal italiana

## Faleceu o cardeal Renato Corti

*Aos 84 anos de idade, o cardeal italiano Renato Corti, bispo emérito de Novara, faleceu em Milão na terça-feira, 12 de maio. O saudoso purpurado nasceu em Galbiate, na arquidiocese de Milão, a 1 de março de 1936, e foi ordenado sacerdote a 28 de junho de 1959. Nomeado auxiliar de Milão a 30 de abril de 1981, e simultaneamente eleito bispo titular de Zallata, recebeu a ordenação episcopal no dia 6 de junho seguinte. Transferido para a sede residencial de Novara a 19 de dezembro de 1990, renunciou ao governo pastoral da diocese a 24 de novembro de 2011. O Papa Francisco no consistório de 19 de novembro de 2016 criou-o cardeal do título de São João na Porta Latina.*

Em fevereiro de 2005, São João Paulo II – apenas dois meses antes da sua morte – chamou-o para pregar os exercícios espirituais quaresmais para a Cúria Romana; e dez anos mais tarde, em 2015, foi Francisco quem lhe confiou a tarefa de escrever as meditações para a Via-Sacra no Coliseu, na Sexta-feira Santa. Em ambos os casos, Renato Corti tinha posto ao serviço dos Pontífices toda a sua experiência como bispo particularmente apreciada na formação e guia espiritual dos sacerdotes. Colaborador próximo de Carlo Maria Martini em Milão, pastor estimado em Novara, vice-presidente da Conferência Episcopal, foi durante muito tempo uma figura eminente na vida da Igreja italiana. A púrpura que o Papa Bergoglio lhe conferiu em 2016 foi o reconhecimento do seu incansável serviço com grande paixão e zelo. Nasceu em então província de Como, hoje Lecco, território da arquidiocese de Milão, depois da escola primária, em outubro de 1947 entrou no seminário menor de Milão com onze anos de idade, passando por todo o processo de formação até à ordenação sacerdotal recebida aos vinte e três anos das mãos do arcebispo Giovanni Battista Montini, futuro Paulo VI. Inicialmente exerceu o ministério de vigário paroquial no oratório de Caronno Pertusella até 1967, ano em que iniciou a sua atividade como educador na escola católica Collegio Rotondi em Gorla Minore, na província de Varese. Em 1969 tornou-se padre espiritual no seminário teológico de Milão, sede de Saronno, e em 1978 reitor do biênio teológico e do ano propedêutico.

Com a nomeação de surpresa – dada a sua jovem idade – como vigário-geral da Arquidiocese de Milão, em setembro de 1980 iniciou a sua colaboração de dez anos com o arcebispo jesuíta Martini. Uma contribuição, depois consolidada pelo cargo de auxiliar de Milão, nomeado a 30 de abril de 1981 pelo Papa Wojtyła, e simultaneamente eleito bispo titular de Zallata. No dia 6 de junho seguinte, D. Corti recebeu a ordenação episcopal do próprio arcebispo Martini. Como lema, o novo bispo escolheu «Cor ad cor loquitur», o mesmo do cardeal John Henry Newman, uma das figuras principais da sua profunda espiritualidade, juntamente com Santo Ambrósio e Santo Agostinho, a mística francesa Madalaine Delbrêl e o Beato Antonio Rosmini, cuja causa de beatificação D. Corti promoveu durante o seu ministério episcopal em Novara. Com efeito, a 19 de dezembro de 1990, foi transferido como ordinário para essa sede residencial, na qual entrou a 3 de março de 1991. A sua primeira homilia tinha como argumento um ditado de Paulo: «Gostaria de despertar em vós o desejo de caminhar pela senda do Evangelho». Durante o período do seu ministério na diocese de San Gaudenzio – que, sob a sua guia, celebrara em 1998 o décimo sexto centenário da instituição –, fizera, entre outras, uma visita pastoral em 1993, no final da qual realizara uma segunda, articulada de acordo com as novas unidades pastorais. Não deixou de seguir os sacerdotes de Novara empenhados como *fidei donum* em África (Burrundi e Chade) e na América Lati-



O cardeal Renato Corti com o Papa Francisco no Consistório de 2016

na (Brasil e Uruguai) e viajou para conhecer essas Igrejas e levar ajuda e encorajamento. Sempre atento, como sábio mestre de vida espiritual, à formação dos jovens, seminaristas e clero, mostrou-se também próximo dos consagrados e das consagradas, especialmente presidindo às profissões religiosas. Particularmente sensível às pessoas marginalizadas ia anualmente aos cárceres para preparar e depois celebrar o Natal e a Páscoa com os presos.

Entretanto, o seu prestígio tinha também aumentado no seio da CEI, onde, após ter presidido durante cinco anos à comissão de cooperação entre as Igrejas e à comissão para o clero e diáconos permanentes e a vida consagrada, foi chamado para o cargo de vice-presidente. Membro da Congregação para a Evangelização dos Povos, foi também vice-presidente da Conferência episcopal regional do Piemonte. Neste sentido, a década

que precedeu a criação dos cardeais foi para ele particularmente significativa, de 2005 a 2015, que iniciou e se encerrou com as duas experiências espirituais ao serviço dos sucessores de Pedro. Nos Exercícios Espirituais do Ano da Eucaristia para São João Paulo II, que, gravemente doente, os seguiu da sua capela particular, escolheu o tema da «Igreja ao serviço da nova e eterna aliança». Dez anos mais tarde, para a Via-Sacra do Papa Francisco, na Sexta-feira Santa, inspirou-se na homilia pronunciada por Francisco a 19 de março de 2013, por ocasião do início do seu ministério como sucessor de Pedro: «A cruz é o sinal mais alto do amor de Deus que nos protege». Depois, a 24 de novembro de 2011, renunciou ao governo pastoral de Novara, por limite de idade. E, a partir de 7 de fevereiro de 2012, retirou-se para o santuário de Rho, em Milão, oficiado pelos padres oblatos dos Santos Carlos e Ambrósio. Mas nem sequer depois de ter recebido a púrpura, no consistório de finais de 2016, interromperia a sua atividade como formador, especialmente em benefício dos novos bispos que participam nos cursos de atualização promovidos por algumas congregações do Vaticano em Roma. Em particular, nos últimos anos, fora animador dos dias de Nemi, uma iniciativa organizada pelo dicastério para bispos e realizada com pequenos grupos de prelados de várias nações. A 25 de março de 2017, foi um dos concelebrantes da missa de rito ambrosiano presidida pelo Papa Francisco no parque de Monza. E no dia 14 de maio seguinte tomou posse do título de São João na Porta Latina, igreja dirigida pelos padres do Instituto da Caridade, fundada pelo Beato António Rosmini.

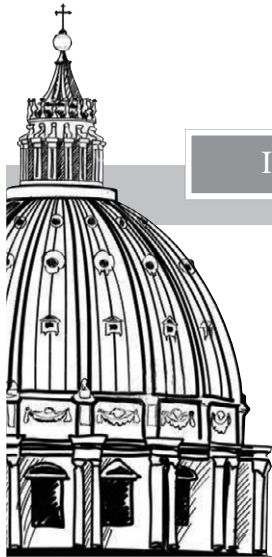
### Pesar do Santo Padre

*Ao tomar conhecimento da notícia da morte do cardeal italiano Renato Corti na manhã de terça-feira, 12 de maio, o Papa Francisco enviou a D. Franco Giulio Brambilla, sucessor do cardeal como bispo de Novara, o seguinte telegrama de pêsames.*

Ao tomar conhecimento da notícia da morte do querido Cardeal Renato Corti, desejo expressar a si e a toda a comunidade diocesana, bem como aos familiares do saudoso Cardeal e àqueles que o conheceram e estimaram, a minha proximidade, pensando com afeto e admiração neste irmão que serviu o Senhor Jesus e a Igreja com exemplar dedicação e delicadeza de espírito. Penso com gratidão no intenso ministério espiritual e pastoral que dedicou sem se poupar, consumindo-se pelo Evangelho, primeiro na sua arquidiocese natal de

Milão, em particular na formação de seminaristas e sacerdotes e como Vigário-Geral, e depois durante muitos anos como pastor manso e sábio desta Igreja de Novara. Penso também no seu amor genuíno pela missão e pelo ministério de pregação que exerceu com grande generosidade, em tudo animado por um desejo apaixonado de comunicar o Evangelho de Cristo. Elevo a minha oração ao Senhor para que, por intercessão da Santíssima Virgem Maria, acolha este fiel servo e distinto pastor na Jerusalém celeste, e concedo de coração a bênção apostólica àqueles que choram o seu desprendimento terreno, com um pensamento especial para quantos o ajudaram e acompanharam amorosamente nos últimos tempos.

FRANCISCUS PP.



## INFORMAÇÕES

### Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 9 de maio

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Suas Ex.cias os Senhores Amal Mussa Hussain Al-Rubaye e Antonius Agus Sriyono, respetivamente Embaixadora do Iraque e Embaixador da Indonésia, ambos em visita de despedida.

### Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 8 de maio

Do Senhor Cardeal Angelo Bagnasco, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Génova (Itália).

De D. Marcelo Raúl Martorell, ao governo pastoral da Diocese de Puerto Iguazú (Argentina).

A 9 de maio

De D. Alvaro Corrada del Río, S.J., ao governo pastoral da Diocese de Mayagüez (Porto Rico).

A 13 de maio

De D. Louis Chamniern Santisukniriran, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Tharé and Nonseng (Tailândia).

### Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 8 de maio

Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Génova, na Itália, o Rev.do Pe. Marco Tasca, O.F.M. conv., ex-Ministro-Geral da Ordem dos Franciscanos Menores Conventuais.

D. Marco Tasca, O.F.M. Conv., nasceu em Sant'Angelo di Piove di Sacco,

Pádua (Itália), no dia 9 de junho de 1957, e recebeu a Ordenação sacerdotal a 19 de março de 1983.

Bispo de Puerto Iguazú (Argentina), D. Nicolás Baisi, até agora Bispo Auxiliar da Arquidiocese de La Plata.

No dia 9 de maio

Bispo de Mayagüez, em Porto Rico, o Rev.do Pe. Ángel Luis Río Matos, do clero da mesma Sede, até esta data Vigário Judicial local e Pároco de "San Sebastián Mártir".

D. Ángel Luis Río Matos nasceu em Aguada (Porto Rico), a 5 de outubro de 1956 e foi ordenado Presbítero em 11 de janeiro de 1985.

No dia 11 de maio

Bispo Coadjutor de Peoria (Estados Unidos da América), o Rev.do Pe. Louis Tylka, do clero da Arquidiocese de Chicago, até hoje Pároco da "Saint Julie Billiard Parish" em Tingley Park e Presidente do Conselho presbiteral da mesma Sede (Illinois).

D. Louis Tylka nasceu no dia 26 de maio de 1970, em Harvey, Chicago, nos Estados Unidos da América, e recebeu a Ordenação sacerdotal a 18 de maio de 1996.

No dia 12 de maio

Bispo de Rapid City (Estados Unidos da América), o Rev.do Pe. Peter Michael Muhich, do clero da Diocese de Duluth, Minnesota, até à presente data Reitor da Catedral "Our Lady of the Rosary" na mesma Sede.

Peter Michael Muhich nasceu a 13 de maio de 1961, em Eveleth, Duluth, nos Estados Unidos da América, e foi ordenado Presbítero em 29 de setembro de 1989.

No dia 13 de maio

Arcebispo da Sede Metropolitana de Tharé and Nonseng (Tailândia), o Rev.mo Mons. Anthony Weradet Chaiseri, do clero de Tharé and Nonseng, até agora Vigário-Geral da mesma Arquidiocese.

D. Anthony Weradet Chaiseri nasceu no dia 26 de junho de 1963, em Tharé, na Tailândia, e recebeu a Ordenação sacerdotal a 21 de março de 1992.

Bispo de Bafia (Camarões), D. Emmanuel Dassi Youfang, até hoje Bispo Auxiliar da Diocese de Bafoussam.

Bispo de Mpanda (Tanzânia), D. Eusebius Alfred Nzigilwa, até esta data Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Dar-es-Salaam.

### Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

A 7 de maio

D. Eugenio Ravignani, Bispo Emérito de Trieste, na Itália.

O venerando Prelado nasceu em Pula (hoje Croácia), no dia 30 de dezembro de 1932. Foi ordenado Sacerdote em 3 de julho de 1955 e recebeu a Ordenação episcopal a 24 de abril de 1983.

Face à grave crise do país financiadas 400 bolsas de estudo

## Ajuda extraordinária do Pontífice para o Líbano

O Papa Francisco dispôs uma ajuda extraordinária para o Líbano, atingindo por uma grave crise, doando 200.000 dólares americanos destinados a 400 bolsas de estudo. A notícia foi divulgada a 14 de maio, com um comunicado da Sala de imprensa da Santa Sé, recordando a «solicitude paternal» com que o Pontífice «continuou a acompanhar nestes meses a situação» da amada nação, definida por São João Paulo II «país-mensagem», onde Bento XVI promulgou a exortação pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*, desde sempre exemplo da coexistência e irmandade que o *Documento para a Fraternidade Humana*, assinado em Abu Dhabi no dia 4 de fevereiro de 2019 pelo Papa Bergoglio e pelo Grão-Imã de Al Azhar, «quis oferecer ao mundo inteiro».

«O país dos cedros, neste ano centenário do "Grande Líbano" — prossegue o comunicado — encontra-se numa grave crise que gera sofrimento e pobreza, e corre o risco de "roubar a esperança", especialmente às gerações mais jovens, que veem o seu presente difícil e o seu futuro incerto». E, neste contexto, «torna-se cada vez mais difícil assegurar aos fi-



lhos e às filhas do povo libanês o acesso à educação que, sobretudo nos pequenos centros, foi sempre garantido pelas instituições eclesiais». Assim, «como sinal tangível de proximidade, o Santo Padre, através da Secretaria de Estado e da Congregação para as Igrejas Orientais, decidiu enviar à nunciatura apostólica» a quantia destinada às bolsas de

estudo, «na esperança de que se possa alcançar uma aliança de solidariedade, e com a esperança de que todos os atores nacionais e internacionais persigam responsabilmente a busca do bem comum, superando todas as divisões ou interesses partidários».

Assim, a iniciativa do Pontífice une-se à contribuição oferecida nes-

tes dias pelo "Fundo de emergência da CIO (Congregação para as Igrejas Orientais)", instituído com a finalidade de debelar a pandemia de Covid-19. «A Mãe de Deus, que da montanha de Harissa vela sobre o Líbano, proteja o povo libanês — conclui o comunicado — com os santos do querido país dos cedros».

## REGINA CAELI

Francisco recordou São João Paulo II

## Continue a interceder pela paz no mundo

«Do Céu ele continue a interceder pelo Povo de Deus e pela paz no mundo»: na vigília do centenário do nascimento de São João Paulo II, Francisco recordou o seu predecessor no final do Regina caeli, recitado a 17 de maio na Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano. Anteriormente, comentando o Evangelho do domingo (João 14, 15-21), o Pontífice falou da observância dos mandamentos e da promessa do Espírito Santo.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho deste domingo (cf. Jo 14,15-21) apresenta duas mensagens: a observância dos mandamentos e a promessa do Espírito Santo.

Jesus une o amor a Ele à observância dos mandamentos, e sobre isto insiste no seu discurso de despedida: «Se Me amardes, guardareis os meus mandamentos» (v. 15); «Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que Me ama» (v. 21). Jesus pede-nos para O amar, mas Ele explica: este amor não termina num desejo d'Ele, ou num sentimento, não, requer a vontade de seguir o Seu caminho, ou seja, a vontade do Pai. E isto resume-se no mandamento do amor recíproco – o primeiro amor [na concretização] – dado pelo próprio Jesus: «Assim como eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros» (Jo 13, 34). Ele não disse: «Amái-me como eu vos amei», mas «amái-vos uns aos outros como eu vos amei». Ele amamos sem nos pedir nada em troca. O amor de Jesus é gratuito, ele nunca nos pede recompensa. E ele quer que este seu amor gratuito se torne a forma concreta de vida entre nós: esta é a sua vontade.

Para ajudar os discípulos a percorrer este caminho, Jesus promete que vai rezar ao Pai para enviar «outro Paráclito» (v. 16), ou seja, um Consolador, um Defensor que tomará o Seu lugar e lhes dará a inteligência para ouvir e a coragem para observar as Suas palavras. Este é o Espírito Santo, que é o dom do amor de Deus que desce ao coração do cristão. Depois que Jesus morreu e ressuscitou, o Seu amor é dado àqueles que creem n'Ele e são batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O próprio Espírito os guia, os ilumina, os fortalece, para que cada um possa caminhar na vida, mesmo através da

adversidade e da dificuldade, nas alegrias e nas tristezas, permanecendo no caminho de Jesus. Isto é possível unicamente se nos mantivermos dóceis ao Espírito Santo, para que, através da sua presença ativa, possa não só consolar mas também transformar os corações, abrindo-os à verdade e ao amor.

Perante a experiência do erro e do pecado – que todos nós cometemos – o Espírito Santo ajuda-nos a não sucumbir e faz-nos compreender e viver plenamente o sentido das palavras de Jesus: «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos» (v. 15). Os mandamentos não nos são dados como uma espécie de espelho no qual ver refletidas as nossas misérias, as nossas, e incoerências. Não, não é assim. A Palavra de Deus é-nos dada como a Palavra de vida, que transforma o coração, a vida, que se renova, que não julga para condenar, mas cura e tem como fim o perdão. A misericórdia de Deus é assim. Uma palavra que é luz para os nossos passos. E tudo isto é obra do Espírito Santo! Ele é o Dom de Deus, ele mesmo é Deus, que nos ajuda a sermos pessoas livres, pessoas que querem e sabem amar, pessoas que compreenderam que a vida é uma missão para proclamar as maravilhas que o Senhor realiza naqueles que confiam Nele.

Que a Virgem Maria, modelo da Igreja que sabe escutar a Palavra de Deus e acolher o dom do Espí-



rito Santo, nos ajude a viver com alegria o Evangelho, sabendo que somos sustentados pelo Espírito, fogo divino que aquece os nossos corações e ilumina os nossos passos.

*No final do Regina caeli, antes de ir à janela para conceder a bênção sobre a praça de São Pedro ainda vazia, o Papa recordou Wójtyła. Em seguida falou do recomeço, a partir do dia 18, das missas em Itália e dirigiu um pensamento às crianças que deveriam receber a Primeira comunhão mas por causa da pandemia tiveram que adiar o encontro com Jesus na Eucaristia. Por fim recordou o início da «Semana Laudato si'» para comemorar o quinto aniversário da encíclica sobre o Cuidado da casa comum.*

Amados irmãos e irmãs!

Amanhã celebra-se o centenário do nascimento de São João Paulo II, em Wadowice, na Polónia. Recor-

damo-lo com muito carinho e gratidão. Amanhã, pelas 7 horas, celebrarei a Santa Missa, que será transmitida em todo o mundo, no altar onde repousam os seus despojos mortais. Do Céu ele continuará a interceder pelo Povo de Deus e pela paz no mundo.

Em alguns países retomaram-se as celebrações litúrgicas com os fiéis; noutras está a ser avaliada a possibilidade; em Itália, a partir de amanhã será possível celebrar a Santa Missa com o povo; mas, por favor, continuemos a respeitar as normas, as prescrições que nos dão, de modo a salvaguardar a saúde de cada um e do povo.

No mês de maio, é tradicional em muitas paróquias celebrar as Missas da Primeira Comunhão. É evidente que, devido à pandemia, este belo momento de fé e de celebração foi adiado. Por conseguinte, desejo enviar um pensamento afetuoso aos meninos e meninas que deveriam ter recebido a Eucaristia pela primeira vez. Caros amigos, convido-vos a viver este tempo de espera como uma oportunidade para vos preparardes melhor: rezar, ler o livro do Catecismo para aprofundar o conhecimento de Jesus, para crescer na bondade e no serviço aos outros. Desejo-vos bom caminho!

Hoje começa a Semana da Laudato si', que terminará no próximo domingo, comemorando o quinto aniversário da publicação da Encíclica. Nestes tempos de pandemia, em que estamos mais conscientes da importância de cuidar da nossa casa comum, espero que toda a nossa reflexão e empenho comuns ajudem a criar e reforçar atitudes construtivas para o cuidado da criação.

E desejo-vos a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

